



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16927 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 12 - Currículo

### A FORÇA DO ENCONTRO COM A VIDA: O CONSELHO ESCOLAR E AS INVENÇÕES CURRICULARES

Marcélia Klitzke de Oliveira - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo  
 Alexandro da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo  
 Sandra Kretli da Silva - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

#### **A FORÇA DO ENCONTRO COM A VIDA: O CONSELHO ESCOLAR E AS INVENÇÕES CURRICULARES**

Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento que problematiza a força que emerge dos encontros dos conselhos escolares. Em defesa por uma Educação para a multiplicidade e por uma Educação com a diferença, a perspectiva adotada analisa se é possível superar os modelos de escola e de currículo que tentam determinar uma única maneira de existência para a instituição escolar. O conselho escolar foi criado pelas políticas públicas brasileiras, como um órgão para atuar como participante da gestão democrática da escola, na administração de recursos financeiros, no apoio à equipe escolar para as mais diversas atividades do cotidiano das escolas. A pesquisa se coloca sob a possibilidade de trilhar novos caminhos pelo conselho escolar, acompanhando a força de um devir que se desvia dos modos estabelecidos entre movimentos macro e micropolíticos a fim de criar outras maneiras de pensar, de viver e de sonhar as escolas. Objetiva, assim, cartografar os encontros do conselho escolar com a instituição, desejando acompanhar os movimentos curriculares que contemplem a diferença entre alunos, professores, comunidade e conselho escolar. Entende que a coletividade não se constitui pelo consenso, mas pela liberdade, com conceitos criativos e inventivos para os currículos da escola. Utiliza como metodologia a cartografia para mapear a força dos encontros realizados nos conselhos escolares de duas escolas de Educação do Campo, localizadas no interior do Espírito Santo. Nessa trajetória, pretende-se observar o conselho escolar como corpo desejante de sonhos e realidades possíveis de vida, em que cada encontro é experiência de brilho e leveza, sem arrogância, nem concorrência, mas aberto para que os participantes possam sentir os currículos com os

olhares sensíveis de Silva, Paraíso e Oliveira (2023) — “Currículos para a potência e não para o empoderamento; para o acontecimento real de intensidades e não para a civilidade superior ou o acultramento [...]” —; currículos “[...] para a liberdade [...], para criar o próprio destino e não para o controle da vida. Currículos para deixar-nos afetar pelas alegrias das diferenças criadoras em nós e nas outras pessoas [...]”. Por esse caminho, é possível fazer brotar currículos, porque reexistimos/resistimos diante de um olhar cultural da sociedade funcionalista que torna insignificantes as pessoas das comunidades escolares, impondo um assujeitamento das forças superiores sistêmicas. Assim, argumenta-se que os encontros dos conselhos escolares se configuram como potência de gostar de estar junto, de se sentar cada vez em espaços e lugares diferentes nos arredores da escola, para o encontro que é sempre novo. Não é de empoderar-se, é de fortalecer-se em potencial. É olhar para a escola, sentir seus espaços, compor com aqueles que nela habitam. É necessário romper a hegemonização e a padronização de ensino, problematizando: “Como vemos os povos do campo, na sua diversidade e diferença? Como vemos os educandos e os docentes que atuam nas escolas do campo? Pensar numa forma inventiva de viver a escola e seu currículo é articular-se com “[...] movimentos de resistências ético-estético-políticas a uma educação estritamente dogmática e homogeneizadora que tenta engessar os corpos de crianças e professores com seus discursos de dominação, com implementação de políticas educacionais neoliberais e suas constantes tentativas de controle e monitoramento das práticas cotidianas” (Carvalho; Silva; Delboni, 2022). Deleuze (2006), ao escrever sobre a filosofia da diferença, aponta para a necessidade de modos violentos de criação, no sentido de abrir rasgões de possibilidades para pensar o novo, o impensável, o diferente — o pensamento nômade. Tal pensamento é aquele que desloca, que experimenta, que inventa. Trata-se, portanto, de um modo de pensar como resistência. Pensar com resistência é colocar-se com coragem e resistir ao já tão comumente conhecido e sufocante no campo do currículo das escolas públicas brasileiras. Como propõe Silva (1999), em seu livro *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*, é importante fazer do território da escola um território desejante. A vida, o currículo, o olhar de professores, alunos e familiares, o toque são sempre relacionais. Do singular ao coletivo, as relações se estabelecem. Tornar a escola um lugar de encontro é o que buscamos.

**PALAVRAS CHAVES:** conselho escolar; currículos; encontros.

## **REFERÊNCIAS**

CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. *Currículos e artistagens: política, ética e estética para uma educação inventiva*. Curitiba, PR: CRV, 2022.

DELEUZE, Giles. *Diferença e repetição*. 2. ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Sandra Kretli da., PARAÍSO, Marlucy Alves; OLIVEIRA, Danilo Araujo de. Currículos, culturas e diferença: criação de possíveis na educação. *Revista Imagens da Educação*, v. 13, n. 3, p. 1-8, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v13i3.69538>.